

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

INSTITUTO DE LETRAS

VERÔNICA PASQUALIN MACHADO

**AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM PERSPECTIVA ENUNCIATIVA:
O PAPEL DA SITUAÇÃO NO DIÁLOGO ENUNCIATIVO DA CRIANÇA
COM SEU INTERLOCUTOR**

PORTO ALEGRE

2010

VERÔNICA PASQUALIN MACHADO

**AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM PERSPECTIVA ENUNCIATIVA:
O PAPEL DA SITUAÇÃO NO DIÁLOGO ENUNCIATIVO DA CRIANÇA
COM SEU INTERLOCUTOR**

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Língua Portuguesa e Inglesa, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a. Carmem Luci da Costa Silva

PORTO ALEGRE

2010

FOLHA DE APROVAÇÃO

VERÔNICA PASQUALIN MACHADO

AQUISIÇÃO DE LINGUAGEM EM PERSPECTIVA ENUNCIATIVA: O PAPEL DA SITUAÇÃO NO DIÁLOGO ENUNCIATIVO DA CRIANÇA COM SEU INTERLOCUTOR

Trabalho de Conclusão de Curso de graduação apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciada em Língua Portuguesa e Inglesa, na Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Porto Alegre, 23 de dezembro de 2010.

Prof.^a Dr.^a. Carmem Luci da Costa Silva
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Orientadora

Prof.^a M.^a. Elisa Marchioro Stumpf
Centro Tecnológico da Universidade de Caxias do Sul

Prof.^{ta}. Fernanda Dias
CADEP/FADERS

Dedico este trabalho à minha mãe, Miriam, que sempre fez de meus sonhos realidade. Este trabalho é apenas a concretização de mais um deles.

AGRADECIMENTOS

Primeiramente, agradeço a Deus, pela fé para seguir nos momentos difíceis, quando pensei em desistir.

Aos meus pais, Miriam e José Luiz, e ao meu irmão, Luiz Eduardo, por sempre estarem presentes na minha vida, principalmente nestes últimos cinco anos de jornada acadêmica.

Entre todos os amigos, agradeço especialmente às amigas Cíntia e Luana, que sempre me motivaram, fazendo que eu acreditasse nos sonhos, apesar de ser dura a caminhada.

Ao meu namorado, Márcio, pelo carinho e pelas palavras de conforto e principalmente por acreditar em mim nos momentos em que me encontrava sem esperança.

Agradeço também à professora orientadora Dr^a. Carmem Luci, pela dedicação, apoio e empenho, os quais foram essenciais no desenvolvimento deste estudo.

Por fim, agradeço a todos aqueles que me apoiaram do começo ao fim desta jornada.

RESUMO

Este trabalho tem por objetivo verificar como a situação – um dos elementos do processo enunciativo – encaminha o uso de certas formas no diálogo enunciativo da criança com seu interlocutor e está relacionada à constituição de referência no discurso, segundo uma perspectiva enunciativa em Aquisição de Linguagem. Para isso, considera-se que o ato de aquisição funciona como o ato de enunciação e, por isso, também ocorre de forma singular. O estudo está embasado teoricamente na perspectiva enunciativa de Émile Benveniste (1974/2006; 1966/2005) autor que defende ser a intersubjetividade constitutiva da linguagem e, por meio dela, vemos a instauração de um sujeito na e pela linguagem. Em Silva (2007/2009), encontramos as reflexões para estudarmos a Aquisição de Linguagem em uma perspectiva enunciativa.

Para realizar o objetivo proposto, o presente estudo apresenta análise e discussão a partir de uma seleção de dados constituídos longitudinalmente por Silva (*op.cit*) a partir da fala de uma criança brasileira, de classe média-baixa, Francisca, residente na região metropolitana de Porto Alegre, no período dos onze meses aos três anos e quatro meses.

De forma preliminar, o estudo retoma a passagem, trazida por Silva (*op. cit.*) de uma referência mostrada para a constituição de uma referência constituída na própria língua-discurso. Nessa passagem, mostramos a situação enunciativa encadeando referência no discurso e o papel da ação não-verbal sintagmatizada no discurso com ação verbal pelo outro. A partir desses resultados, o presente estudo pretende contribuir para que se aprofunde a reflexão acerca da ação não-verbal na estrutura enunciativa.

Palavras-chave: Aquisição de Linguagem, Teoria da Enunciação, referência, ação não-verbal.

ABSTRACT

The purpose of this paper is to verify how the situation – one of the elements by which the enunciative process is consisted of – is responsible for the use of specific forms in the child's enunciative dialogue with its interlocutor, besides being related to the constitution of reference in discourse from an enunciative perspective in Language Acquisition. In order to do this, it's considered that the act of acquisition works as the enunciative act and, therefore, it is considered to be singular as well. The study is based on the enunciative perspective of Émile Benveniste (1974/2006; 1966/2005), who defends that intersubjectivity is part of language and also responsible for the instauration of man in language and by language. The basis for studying Language Acquisition from the enunciative perspective is found in Silva (2007/2009).

In order to achieve the goal of this paper, the study shows the analysis and discussion from a selection of data, which were constituted in a longitudinal way by Silva (op.cit). These data present the speech of a Brazilian child, Francisca, who belongs to a lower middle-class and lives in the metropolitan area of Porto Alegre. The data were constituted from eleven months to three years and four months of age.

On a preliminary basis, the study retakes the discussion brought by Silva (op.cit), which deals with the movement from a demonstrated reference to the constitution of a reference done in the language-discourse. On this discussion, the paper shows how the enunciative situation connects reference in discourse. Besides, it also shows the role of the non-verbal action being transformed into phrases on discourse through the verbal action of the interlocutor. From these results, this study intends to contribute with further discussions regarding the non-verbal action in the enunciative structure.

Keywords: Language Acquisition, Theory of Énonciation, reference, non-verbal action.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1. O PROCESSO DE ENUNCIÇÃO E O DE AQUISIÇÃO: O ATO, A SITUAÇÃO E OS INSTRUMENTOS	10
2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS.....	24
3. ANÁLISE E DISCUSSÃO	27
3.1. Análise do quadro 1	27
3.2. Análise do quadro 2	31
3.3. Análise do quadro 3	32
3.4. Análise do quadro 4	34
3.5. Análise do quadro 5	35
3.6. Análise do quadro 6	36
3.7. Análise do quadro 7	37
3.8. Análise do quadro 8	39
3.9. Discussão.....	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	44

INTRODUÇÃO

Nos estudos em Aquisição de Linguagem, percebe-se a existência de diversas perspectivas teóricas, as quais nem sempre consideram a instauração de um sujeito único pela linguagem, nem a fala desse sujeito como um lugar de singularidade. É através da Lingüística da Enunciação, nos estudos de Émile Benveniste (1974/2006; 1966/2005), o qual defende que a intersubjetividade é constitutiva da linguagem, que vemos a instauração de um sujeito *na e pela* linguagem. Isto só é possível através do ato de apropriação individual da língua: a enunciação. Para que ela se realize, a enunciação – língua em ação- coloca duas figuras fundamentais em jogo: locutor e alocutário. É através deste ato de apropriação individual da língua que o locutor constituir-se-á como sujeito, representando-se no discurso como seu responsável.

Para observar a singularidade da fala desse sujeito, é necessário, portanto, considerar a Aquisição de Linguagem também em uma perspectiva enunciativa. É nos estudos de Silva (2007/2009) que encontramos possibilidades teóricas e metodológicas para unir os campos da Lingüística da Enunciação e da Aquisição de Linguagem.

Assim, considerar uma abordagem enunciativa em Aquisição de Linguagem é considerar que os elementos que constituem o processo enunciativo – o ato, a situação (que expressa uma certa relação com o mundo) e os instrumentos de sua realização (aparelho de formas e funções) – também fazem parte do processo de aquisição. Sabendo que a situação é parte integrante de ambos os processos, houve o interesse em verificar como ela pode encaminhar o uso de certas formas e funções no diálogo enunciativo da criança com seu interlocutor, além de estar relacionada à constituição de referência no discurso. Este interesse também se justifica, uma vez que não existem muitos estudos acerca do papel da situação nos estudos de aquisição de língua materna e em uma perspectiva enunciativa.

Para desenvolver o objetivo proposto, este trabalho está organizado da seguinte forma: no primeiro capítulo, apresentamos os elementos constitutivos do processo de enunciação e de aquisição. O processo de enunciação está embasado teoricamente na Lingüística da Enunciação, especificamente nos estudos propostos por Émile Benveniste (1974/2006; 1966/2005). O processo de aquisição também está aliado à perspectiva enunciativa, mas fundamenta-se no estudo da Aquisição de Linguagem realizado por Silva (2007/2009). No segundo capítulo, fazemos a apresentação dos critérios metodológicos que empregaremos neste trabalho, bem como a justificativa para a escolha de um determinado interlocutor na

alocução da criança. No terceiro capítulo, empreendemos a análise dos dados selecionados e os resultados que obtivemos a partir dessa análise.

1. O PROCESSO DE ENUNCIÇÃO E O DE AQUISIÇÃO: O ATO, A SITUAÇÃO E OS INSTRUMENTOS

Neste primeiro capítulo, pretendemos responder às seguintes questões: 1) o que é o ato de enunciação?; 2) que elementos constituem esse ato?; e 3) o que caracteriza cada um dos elementos do ato enunciativo? Essas reflexões serão tecidas segundo os estudos de Émile Benveniste (1974/2006; 1966/2005), um dos grandes teóricos da Lingüística da Enunciação. Feita essa delimitação, relacionaremos as questões pertinentes ao processo de enunciação ao processo de aquisição de linguagem sob um enfoque enunciativo, tema central deste trabalho. Assim, partiremos do texto “O Aparelho Formal da Enunciação” (1974/2006) para, por meio dele, mostrar como as principais questões de enunciação relacionam-se com outras a elas vinculadas, as quais estão presentes em outros textos.

No texto citado, Benveniste faz uma distinção entre o emprego das formas e o emprego da língua. Segundo o autor, o primeiro diz respeito às regras que descrevem sob quais condições sintáticas essas formas podem aparecer, já que pertencem a um paradigma que é responsável por determinar que escolhas são possíveis.¹ Já o segundo, o emprego da língua, “trata-se de um mecanismo total e constante que, de uma maneira ou outra, afeta a língua inteira”.² A partir dessa argumentação, Benveniste define que o ato enunciativo é “este colocar em funcionamento a língua por um ato individual de utilização.”³ Este ato, a enunciação, é o próprio objeto de estudo da Lingüística da Enunciação, enquanto o discurso, o que é produzido a cada vez que esse ato ocorre, é seu produto. Sendo assim, podemos dizer que o ato enunciativo enfoca a apropriação da língua pelo locutor, o qual utiliza formas e funções lingüísticas para marcar sua relação com o outro da alocação. Como bem colocado pelas palavras de Flores e Teixeira (2005, p.35), “Enunciar é transformar individualmente a língua-mera virtualidade- em discurso. A semantização da língua se dá nessa passagem”.

Mais adiante, em “O Aparelho Formal da Enunciação” (1974/2006), o autor declara que o processo de enunciação pode ser estudado sob três aspectos principais. O primeiro diz respeito à realização vocal da língua. Segundo o autor, os sons emitidos e percebidos sempre precedem de atos individuais, sejam eles estudados em vista de uma língua em particular, seja em suas manifestações gerais, como o processo de aquisição, de defusão, de alteração.⁴

¹ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**, p.81.

² *Ibidem*, p.82.

³ *Ibidem*, p.83.

⁴ *Ibidem*, p.82.

Mesmo que se tente atenuar ou diminuir esses traços individuais ao se recorrer a diferentes sujeitos em busca de uma imagem regular de sons, sabe-se que os sons nunca são reproduzidos igualmente nem para um mesmo sujeito. Tal diversidade explica-se devido à variedade de situações em que o processo de enunciação é produzido. O segundo aspecto trata de uma questão maior: “é ver como o ‘sentido’ se forma em ‘palavras’, em que medida se pode distinguir entre as duas noções e em que termos descrever sua interação”.⁵ Aqui, atenta-se para a semantização da língua, a transformação da língua em discurso. O último aspecto consiste em caracterizar o quadro formal da enunciação, de acordo com a manifestação individual que ela atualiza, e também é o enfoque do texto “Aparelho formal da enunciação”. Neste trabalho, deteremo-nos no primeiro aspecto, a realização vocal da língua, e no último aspecto, o quadro formal da enunciação. Essas escolhas se explicam por estarem relacionadas ao nosso objeto de estudo: o discurso oral e o modo como se realiza. Feita a descrição acerca dos aspectos sob os quais se pode estudar a enunciação, partimos agora para os elementos que são considerados no processo enunciativo. Esses são o próprio ato enunciativo, as situações em que ele se realiza (questão que está ligada à noção de referência) e os instrumentos de sua realização (questão que se relaciona às formas e às funções).

Iniciando pela descrição do ato enunciativo, dissemos anteriormente que há um locutor que coloca a língua em funcionamento. Segundo Benveniste (1974/2006, p.83), “o ato individual pelo qual se utiliza a língua introduz em primeiro lugar o locutor como parâmetro nas condições necessárias da enunciação.” Para transformar a língua em discurso, podemos dizer que esse locutor apresenta uma relação de apropriação com a língua, uma vez que se apropriará de seu aparelho formal, enunciando sua posição de locutor. Outra condição para a realização do ato enunciativo é a convocação de outro, um alocutário: “Mas imediatamente, desde que ele se declara locutor e assume a língua, ele implanta *o outro* diante de si, qualquer que seja o grau de presença que ele atribua a este outro. Toda enunciação é, explícita ou implicitamente, uma alocução, ela postula um alocutário”.⁶ Percebe-se, assim, que o ato enunciativo não se realiza sem a presença de outro, visto que acontece entre parceiros.

Essa necessidade nos remete imediatamente a um dos pontos mais importantes da obra de Benveniste, o qual também faz parte do ato enunciativo: a (inter)subjetividade enunciativa. Para o autor, a linguagem realiza-se justamente porque o locutor pode se constituir como sujeito, fato que é assegurado pelo ato enunciativo. Assim, Benveniste postula o caráter constitutivo da linguagem, defendendo que ela faz parte da natureza do homem, sendo, dessa

⁵BENVENISTE, Émile. **Problemas de Lingüística Geral II**, p.83.

⁶Ibidem, p.84.

forma, impossível colocar um em oposição ao outro; a linguagem é a condição de existência do homem. Além disso, essa visão também nega qualquer tipo de aspecto instrumental que a linguagem possa apresentar. Tais idéias podem ser vistas na citação a seguir, contida no texto “Da subjetividade na linguagem”:

Não atingimos nunca o homem separado da linguagem e não o vemos nunca inventando-a. Não atingimos jamais o homem reduzido a si mesmo e procurando conceber a existência do outro. É um homem falando que encontramos no mundo, um homem falando com outro homem, e a linguagem ensina a própria definição do homem. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 285)

Como visto, é na linguagem e pela linguagem que o homem se constituirá como sujeito; é a linguagem que lhe fornece meios para se apropriar da língua. Em relação ao conceito de subjetividade, é importante delimitar seu significado. A subjetividade da qual tratamos nesse trabalho é “a capacidade do locutor para se propor como sujeito.”⁷ Dessa forma, o sujeito do qual se fala aqui não é o sujeito empírico, sujeito do mundo, mas um sujeito que é representado pelo discurso, que deixa marcas em seu discurso ao se apropriar da língua.

A respeito do fundamento dessa subjetividade, é importante mencionar que ela se determina pelo status lingüístico de pessoa, que é constituído por formas que estão presentes no sistema da língua. Como dito anteriormente, o locutor sempre convocará outro diante de si, e é na enunciação que essa categoria de pessoa realiza-se, sempre mostrando um contraste: “A consciência de si mesmo só é possível se experimentada por contraste. Eu não emprego eu a não ser dirigindo-me a alguém, que será na minha alocação um tu”.⁸ Assim, no ato enunciativo, temos a emergência dos índices de pessoas “eu” e “tu”, os quais só são produzidos na e pela enunciação: o primeiro, que denota aquele que profere a enunciação; e o segundo, aquele a quem a enunciação é dirigida, que está na posição de alocutário, marcado como “tu” na enunciação de “eu”.

Sobre a categoria de pessoa, torna-se importante, para a explicação da (inter)subjetividade, as reflexões tecidas por Benveniste sobre os pronomes pessoais, as quais estão presentes no texto “Estruturas das relações de pessoa no verbo”. Nesse texto, o autor faz uma distinção entre as pessoas “eu”, “tu” e “ele”, com base nas correlações de pessoalidade e de subjetividade. Na primeira, o autor opõe as pessoas “eu” e “tu” a “ele” pelo critério de pessoa e não-pessoa. Assim, as formas “eu” e “tu” indicam necessariamente

⁷ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**, p.286.

⁸Ibidem, p.286.

peças no discurso, enquanto “ele” não pode indicar as peças inversíveis do discurso. Essa distinção pode ser vista na citação a seguir:

Eu designa aquele que fala e implica ao mesmo tempo um enunciado sobre o ‘eu’: dizendo *eu*, não posso deixar de falar de mim. Na segunda pessoa, ‘tu’ é necessariamente designado por *eu* e não pode ser pensado fora de uma situação proposta a partir do ‘eu’; e, ao mesmo tempo, *eu* enuncia algo como um predicado de ‘tu’. Da terceira pessoa, porém, um predicado é bem enunciado somente fora do ‘eu-tu’; essa forma é assim exceptuada da relação pela qual ‘eu’ e ‘tu’ se especificam. Daí, ser questionável a legitimidade dessa forma como ‘pessoa’. (BENVENISTE, 1966/2005, p. 250)

Considerando a marca de pessoa como característica da correlação de personalidade, ainda podemos falar das outras distinções que Benveniste propõe para essa correlação: unicidade, inversibilidade e ausência de predicação verbal. Na unicidade, a cada vez que as peças “eu” e “tu” são enunciadas, elas são únicas. Vale ressaltar que essas peças estão vazias de referências fora da instância do discurso e estão à disposição do locutor para preenchê-las, através do ato de enunciação. Mas, como “eu” pode ser único e identificar tantos locutores que se apropriam dessa forma a todo o momento? Para explicar essa suposta contradição, Benveniste declara que o “eu” refere-se “a algo de muito singular, que é exclusivamente lingüístico: “*eu* se refere ao ato de discurso individual no qual é pronunciado, e lhe designa o locutor. [...] A realidade à qual ele remete é a realidade do discurso.”⁹ Sendo assim, por apresentar uma referência única, já que único é o ato de enunciação, é que entendemos porque “eu” e “tu” sempre são únicos no discurso. Na inversibilidade, diz-se que “eu” e “tu” tem a capacidade de se invertermem no discurso, pois “eu” pode tornar-se “tu” e vice-versa, uma vez que, no ato de enunciação, o “eu” sempre convocará um “tu”. A última característica, a ausência de predicação verbal, indica que “eu” e “tu” apontam para peças constituídas a partir do discurso, o que não ocorre com a peça “ele”. Essa é a única peça que pode pregar verbalmente sobre uma coisa, além de não fazer referência a alguém ou algo específico. Assim, todas essas características que fazem parte de “eu” e “tu” formam a unidade constitutiva “eu-tu”.

Finda as características a respeito da correlação de personalidade, fala-se agora da correlação de subjetividade. Essa característica opõe “eu” ao “tu”, tratando o primeiro como peça subjetiva e o segundo como peça não-subjetiva, já que “eu” é interior ao enunciado e exterior a “tu”. Além disso, diz-se também que “eu” é transcendente a “tu”, pois é “eu” o responsável pela convocação de “tu” e sua constituição no discurso.

⁹ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**, p.288.

A partir das considerações feitas sobre as correlações de pessoalidade e subjetividade, podemos tratar da questão da intersubjetividade. Por isso, entende-se a “inter-relação constitutiva da enunciação que pressupõem o “eu” e o outro mutuamente implicados.”¹⁰ Essa relação só acontece no ato enunciativo, pois o locutor, ao se propor como sujeito a partir do discurso, torna-se “eu” e imediatamente instaura e constitui um alocutário, o “tu”. Estando o “tu” constituído, é ele que assegura a existência do “eu” no discurso. Assim, entende-se que a intersubjetividade é anterior à subjetividade, pois a enunciação do locutor é determinada pelo outro para o qual a endereça. É nessa relação dialética do “eu” e do “outro”, definidos “pela relação mútua que se descobre o fundamento lingüístico da subjetividade.” (BENVENISTE, 1996/2006, p. 287); é essa a condição para que o locutor possa se propor como sujeito, fato que só ocorre no ato enunciativo. Além disso, a intersubjetividade é constitutiva da linguagem, pois é a “única (condição) que torna possível a comunicação lingüística.”¹¹ Como bem pontuado por Flores e Teixeira (2005, p.34), “[...] a intersubjetividade é a condição da subjetividade, assim como a linguagem é a condição da língua”.

Terminada a parte dedicada à descrição do ato enunciativo, trataremos agora das situações em que o processo enunciativo acontece, bem como os instrumentos necessários para sua realização.

Segundo Benveniste (1974/2006, p.84), “a língua se acha empregada para a expressão de uma certa relação com o mundo. A condição mesma dessa mobilização e dessa apropriação da língua é, para o locutor, a necessidade de referir pelo discurso, e, para o outro, a possibilidade de co-referir [...]”. Percebe-se, assim, que essa relação com o mundo ocorre apenas através da referência, a qual depende do ato enunciativo para se realizar, já que acontece via discurso. Cabe lembrar que, apesar de expressar essa relação com o mundo, não é uma referência ao mundo da qual se fala, mas ao próprio sujeito constituído através do discurso.

Para aprofundar a questão da referência na enunciação, torna-se necessário trazer as considerações que Benveniste faz sobre língua e discurso em sua obra. No texto “A forma e o sentido na linguagem” (1974/2006), Benveniste declara que há dois domínios na língua: o semiótico e o semântico. No primeiro, o autor refere-se à língua segundo uma visão saussuriana, a qual apresenta o signo lingüístico como sua unidade. No campo semiótico, o importante é a relação de distinção e oposição de um signo com os demais em um mesmo sistema, lugar onde a significação se estabelece. No segundo, Benveniste declara que o

¹⁰ **Dicionário de Linguística da Enunciação**, p.146.

¹¹ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**, p.293.

domínio semântico refere-se à atividade do locutor que coloca a língua em ação por um ato individual; em outras palavras, este é o próprio nível do discurso. O domínio semântico resulta justamente do ato enunciativo, pois aí se considera a atuação de um locutor. Nesse campo, a unidade é a frase ou enunciado, que pode ser entendida como a manifestação do ato enunciativo.

Dessa forma, ao propor que a frase encontra-se no domínio semântico, quer dizer que Benveniste opõe língua ao discurso, ou semiótico ao semântico? Na verdade, não. Mesmo postulando diferenças entre esses dois níveis, Benveniste não faz uma oposição entre eles. Vale lembrar que, na frase, há simultaneamente a língua e o uso da língua, pois os constituintes da frase são os signos – unidade que pertence ao campo semiótico- que são considerados palavras no ato enunciativo, no uso da língua. Portanto, ambos se complementam e “é no discurso atualizado em frases que a língua se forma e se configura. Aí começa a linguagem”.¹²

Em outro texto, intitulado “Os níveis da análise linguística” (1966/2005), vemos que a frase, então, é a unidade do discurso, da língua colocada em ação. É nela que se encontram as funções de “interrogação”, de “intimação” e de “asserção”, as quais apenas mostram “os três comportamentos fundamentais do homem falando e agindo pelo discurso sobre seu interlocutor: quer transmitir-lhe um elemento de conhecimento, ou obter dele uma informação, ou dar-lhe uma ordem”.¹³ Dessa forma, podemos entender que essas três funções traduzem as funções interumanas do discurso e que assim se apresentam nas modalidades de unidade de frase, indicando a própria atitude do locutor. Uma consideração ainda a se fazer sobre a frase é que ela apresenta uma dupla propriedade, uma vez que traz, ao mesmo tempo, sentido e referência. A explicação sobre o caráter duplo da frase pode ser visto a partir do seguinte trecho:

[...] sentido porque é enformada de significação, e referência porque se refere a uma determinada situação. Os que comunicam têm justamente isto em comum, uma certa referência de situação, sem a qual a comunicação como tal não se opera, sendo inteligível o ‘sentido’ mas permanecendo desconhecida a ‘referência’.
(BENVENISTE, 1966/2005, p. 140)

Tendo a frase esse caráter duplo, qual seriam, então, o sentido e a referência de uma frase? Retomando o texto “A forma e o sentido na linguagem” (1974/2006), Benveniste esclarece que o sentido de uma frase é a idéia que ela expressa por quem se apropria da língua, enquanto a referência é “o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de

¹² BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**, p.140.

¹³ *Ibidem*, p.139.

fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar.” A frase sempre será um acontecimento diferente; existe somente no momento em que é enunciada e desaparece neste mesmo momento. Diferente também é o sentido de uma frase e das palavras que a constituem; o sentido da frase é, como visto, sua idéia, e o sentido da palavra é seu emprego.

Como mencionado anteriormente, o ato enunciativo pressupõe um locutor e, havendo este, necessariamente haverá um alocutário; é a presença deste locutor em sua enunciação que fará que cada instância do discurso apresente um centro de referência interno. Essa situação será manifestada por formas específicas, cujo único objetivo é colocar o locutor em relação constante e necessária com sua própria enunciação. Tais formas emergem apenas através do ato enunciativo, a saber, os índices de pessoa e os índices de ostentação. Os primeiros são constituídos pelas pessoas “eu” e “tu” e são produzidos apenas na e pela enunciação, pois o “eu” refere ao discurso onde é proferindo, indicando o locutor; e “tu” aponta para aquele que está presente como alocutário. Fora da enunciação, “eu” e “tu” são signos vazios e, assim, somente passam a atribuir referência quando estão empregados em uma situação de uso da língua, o próprio ato enunciativo. Os índices de ostensão (este, aqui, etc) também dependem do ato enunciativo, pois “implicam um gesto que designa o objeto ao mesmo tempo que é pronunciada a instância do termo”.¹⁴ Como visto, os índices de pessoa e de ostensão não apenas nascem de uma enunciação, mas também designam algo novo toda vez que são proferidos.

Além desses “indivíduos linguísticos”, torna-se importante tratar também das formas temporais, em especial, a que se chama de “presente”. Segundo Benveniste (1974/2006, p.85), este tempo coincide como o momento da enunciação. Poder-se-ia pensar que, na verdade, a relação com o tempo é fundamentada pelo pensamento; para o autor, ela é produzida na e pela enunciação. É ela que instaura a categoria do presente e é dessa categoria que nasce a categoria do tempo: “O presente é propriamente a origem do tempo”.¹⁵ Assim, é somente o ato enunciativo que torna possível o fato do homem viver o “agora” e de torná-lo atual. A categoria de presente é inerente à enunciação e este se renova sucessivamente a cada vez que o locutor apropria-se da língua, convertendo-a em discurso. De acordo com essas considerações, a enunciação estabelece a seguinte relação: *eu-tu-aqui-agora*. Vale ressaltar que, uma vez que a presença do locutor é responsável por um centro de referência interno em cada ato enunciativo, todas as relações temporais e espaciais estarão organizadas em torno do

¹⁴ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Língua Geral II**, p.85.

¹⁵ *Ibidem*, p.85.

sujeito constituído pelo discurso, o “eu”; assim, a referência encontra-se na dependência do “eu”.

Ainda sobre os instrumentos relacionados ao ato enunciado, Benveniste (*op.cit.*) declara que a enunciação também fornece um aparelho de funções ao locutor, o qual se servirá dele para influenciar de algum modo o comportamento do alocutário. Devido a isso, diz-se que a enunciação apresenta as condições necessárias para as grandes funções sintáticas, tratadas anteriormente. Assim, temos as funções de “interrogação”, “intimação” e “asserção”. A primeira tem por objetivo suscitar uma resposta, e as formas lexicais e sintáticas da interrogação, partículas, pronomes, seqüência, entonação, etc., derivam desta função. A segunda, a “intimação”, caracteriza-se como ordens ou apelos recebidos e são vistos em categorias como o imperativo, o vocativo. Esta função está assim ligada à enunciação, pois implica “uma relação viva e imediata do enunciador ao outro numa referência necessária ao tempo da enunciação”.¹⁶ A terceira, a “asserção”, tem por objetivo comunicar uma certeza, sendo assim a manifestação mais comum que indica a presença de um alocutário. Apresenta instrumentos específicos, os quais são expressos pelas partículas “sim” e “não”, que afirmam ou negam uma proposição.

Além das funções citadas, Benveniste (*op.cit.*) ainda declara que todos os tipos de modalidades formais podem pertecer aos verbos, como os “modos” (optativo, subjuntivo), que mostram atitudes do locutor sob a perspectiva do que enuncia (expectativa, desejo, apreensão).

Assim, a partir dos textos “A forma e o sentido na linguagem” (1974/2006), “Os níveis da análise linguística” (1966/2005) e “O Aparelho Formal da Enunciação” (1974/2006), percebemos o percurso que Émile Benveniste faz a respeito do ato enunciativo e os elementos que o constituem. Nos dois primeiros textos, há a incidência do termo “frase”, palavra que não é utilizada pelo autor ao explicar a noção de enunciação nesse terceiro texto. Apesar disso, podemos entender que o conceito de frase está implicado na própria noção de enunciação, que é “este colocar em funcionamento a língua por um ato de utilização”.¹⁷ A frase, como mencionado anteriormente, é a unidade do discurso; o discurso é a manifestação da enunciação, é o produto da enunciação. Portanto, a frase é o que se produz na e pela enunciação e muitas vezes tem um sentido equivalente ao do termo enunciado, produto da enunciação. Em sua definição, a enunciação traz a simultaneidade dos domínios semiótico e semântico dos quais falamos antes, pois, ao fazer uso da língua, o locutor tem em mãos o

¹⁶ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Língua Geral II**, p.86.

¹⁷ *Ibidem*, p.82

sistema de signos, o domínio semiótico; no momento em que se apropria desse sistema, a língua já se encontra em ação e é discurso, pertencendo, assim, ao domínio semântico.

Findas as considerações a respeito do processo enunciativo, partimos agora para a descrição do processo de aquisição, onde deslocaremos questões do primeiro para o segundo processo, a partir do trabalho desenvolvido por Silva (2007/2009).

No trabalho de Silva (*op.cit*), vemos o processo de aquisição da linguagem estudado sob um olhar enunciativo. Assim, a autora inicia suas reflexões trazendo duas questões que estão implicadas no sintagma “Aquisição da Linguagem”: 1) a idéia presente no segmento “da linguagem”, uma vez que se trata de aquisição da linguagem e não de outro sistema; e 2) a idéia da existência de um sujeito, pois se trata da aquisição da linguagem adquirida por um sujeito. Além disso, os termos enunciação e aquisição são aproximados pela forma sufixal -ção que apresenta como significado “ação ou resultado dela”.¹⁸ Sendo assim, enunciação é o “ato de enunciar na língua” e aquisição é o “ato de adquirir língua”. Seguindo este raciocínio, entendemos o ato de aquisição como o ato enunciativo: singular. Ao dizer que o processo de aquisição é singular, consideramos que a fala da criança encontra-se em um lugar de singularidade e, por isso, não é a busca por uma regularidade que trataremos aqui.

Entendida como um ato enunciativo, a aquisição também coloca em jogo duas figuras, sem quais não é possível: o “eu” e o “tu”. Como o tema desse trabalho é a Aquisição da Linguagem, tomaremos, a exemplo de Silva (*op. cit.*), a criança como o “eu” e o outro de sua alocação como “tu”. Assim, a criança está imersa na estrutura enunciativa *eu-tu-ele*, onde “eu” é a criança, “tu” é o outro da alocação da criança e “ele” são as referências constituídas no discurso de “eu” e “tu”. “Ele” é assim considerado como a não-pessoa do ato enunciativo; pode apontar para uma infinidade de sujeitos ou para nenhum, já que também é o único que pode predicar verbalmente sobre uma coisa; é o “ele” que designa o mundo extralingüístico de que se fala, pois se relaciona com a referência no discurso e aponta para algo fora da alocação. Neste trabalho, estão sendo consideradas as relações diádicas *eu-tu*, *eu/tu*, (*eu-tu*)/*ele* e a trinitária *eu-tu/ele*, operações constitutivas do processo de aquisição. Sobre esta estrutura e as relações diádicas que se encontram nela, é importante lembrar que elas incluem os elementos que fazem parte do ato enunciativo, a saber, locutor e alocutário (*eu* e *tu*), a situação (representada por *ele*, está ligada à questão da referência) e os instrumentos (formas e funções) necessários à sua realização. É por isso que consideramos que o processo de

¹⁸ SILVA, 2007/2009 apud CUNHA, 2001, p.98.

Aquisição de Linguagem está inscrito na estrutura enunciativa *eu-tu-ele*, a qual abriga as operações que serão descritas a seguir.

A primeira relação diádica (*eu-tu*) representa uma operação de conjunção, unidade constitutiva derivada da noção de “pessoa”. É à correlação de pessoalidade que nos referimos aqui e, por isso, as pessoas “eu” e “tu” apresentam as características de unicidade, reversibilidade e ausência de predicação verbal, todas já mencionadas anteriormente. Assim, “eu” e “tu” “são definidos numa relação mútua”¹⁹, onde um depende do outro para ser concebido, para ser instanciado no ato enunciativo e, por isso, esta dependência é também constitutiva do ato de aquisição.

A segunda relação diádica (*eu/tu*) representa uma disjunção, já que nessa relação as pessoas “eu” e “tu” encontram-se em oposição. Isso se explica, pois aqui temos a correlação de subjetividade, a qual é caracterizada pela merca de subjetividade. Dessa forma, “eu” é pessoa subjetiva e “tu” é pessoa não-subjetiva, uma vez que “eu” é interior ao enunciado e exterior a “tu”. Além da característica de interioridade, há, também, a de transcendência. Esta se explica devido ao fato de “eu” ser sempre transcendente em relação ao “tu”, pois o primeiro é responsável pela convocação e constituição do “tu” na alocação. Vale lembrar que as características de interioridade e transcendência pertencerão ao “tu”, quando este se inverter e se tornar o “eu”. Como visto, percebe-se que Benveniste (1966/2005, p.255) coloca a característica de transcendência em foco, uma vez que ela tem o poder de distinguir “eu” e “tu” na alocação. A respeito disso, consideramos importante a visão de Flores (1999, p.198), o qual considera a característica da temporalidade como responsável pela distinção entre “eu” e “tu”. Para o autor, quando se fala em transcendência, tem-se a noção de que o “tu” está privado da língua, já que o “eu” está com a palavra e dele depende a convocação do “tu”. Caso entendermos essa distinção pelo viés da temporalidade, a qual é assegurada pela característica de reversibilidade, podemos compreender que o “tu” está privado apenas temporalmente da experiência de ser sujeito, de ser o “eu” da alocação. Essa questão da transcendência traz consigo também uma relação de necessidade, que é representada por Flores (*op.cit*) através da correlação subjetividade/relação. O autor explica que “o ‘um’ só tem existência quando referido àquele que ‘não é o um’”; assim, a autonomia do “eu” sobre o “tu” é relativizada. A partir dessas reflexões, entendemos que o sujeito da aquisição de linguagem constitui-se justamente pelas relações intersubjetivas vistas nas relações *eu-tu* e *eu/tu*, pois são essências para que aconteça a passagem da intersubjetividade à subjetividade. São essas

¹⁹ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**, p.187.

relações que garantem um espaço de enunciação para a criança, seja quando ela se encontra em uma relação mútua com outro de sua alocação (*eu-tu*), seja quando ela afasta-se desse outro, constituindo-se como sujeito através do discurso (*eu/tu*).

Na terceira relação diádica (*eu-tu*) /*ele*), temos a instanciação da referência, a qual é representada por “ele”, nas enunciações de “eu” e “tu”. Aqui, percebe-se que a criança (“eu”) começa a estabelecer sua relação com o mundo através do discurso, pois representa os referentes por palavras; a criança “marca a sua entrada no simbólico da língua.”²⁰ O “ele” (não-pessoa) é visto a partir das referências do locutor e das co-referências de seu alocutário e, assim, o sentido depende da situação enunciativa onde locutor e alocutário encontram-se, uma vez que o alocutário atribuirá sentido ao dizer do locutor. De acordo com as palavras de Silva (2007/2009, p.234), “isso marca a semantização da língua na sintagmatização do discurso, já que a criança produz *sentidos* no seu dizer, que são ressignificados pelo *alocutário* através de *formas* da língua.” A partir disso, podemos perceber o quanto o papel desse outro da alocação da criança é importante, uma vez que, ao ressignificar o dizer da criança, ele estará oferecendo condições para que o locutor-criança opere a semantização da língua e, assim, comece a estabelecer sua relação com o mundo. Através do processo de semantização da língua, a criança poderá atribuir referência e sintagmatizar formas no discurso na dependência da situação. Vale ressaltar ainda que, nessa relação situação-referência nosso estudo enfatiza o que Silva (*op. cit.*) nomeia como “referência mostrada” uma vez que a atribuição de referência está ancorada na situação de enunciação da criança. É a partir da situação e dos referentes do mundo que há a produção de discurso.

No tocante à da operação de referência, Silva (*op. cit.*) mostra a seguinte lógica enunciativa presente no ato de aquisição da linguagem:

a criança enuncia X, em que X é: a) remetido à situação de enunciação, responsável pela atribuição de referência, b) formado por unidades que estão em relação entre si; c) constituído por operações de constituição/integração dessas unidades e d) constituído por ajustes de *sentido* e de *forma* das referências produzidas na enunciação constituída por *eu* e por *tu*. (SILVA, 2007/2009, p. 245)

Essa configuração apresenta algumas implicações. Vejamos:

- a) as operações enunciativas não podem ser vistas em uma dicotomia língua/fala, pois pertencem simultaneamente a esses dois domínios;
- b) as operações enunciativas também não podem ser separadas entre morfologia, sintaxe e semântica, já que a sintagmatização não permitir isolar níveis. O estudo enunciativo de toda e qualquer unidade de qualquer nível lingüístico propõe que se entendam essas unidades

²⁰ SILVA, Carmem Luci da Costa. **A Criança na Linguagem: enunciação e aquisição**, p.234.

sempre em relação a outras unidades de mesmo nível e/ou de nível diferente. Isso nos permite entender que a criança não vai adquirir a linguagem por estágios, pois essa noção considera partes da língua, sejam níveis sejam unidades. Isso porque, na perspectiva enunciativa, o locutor se apropria da língua e não de fatias do sistema linguístico. Níveis e unidades da língua estão na dependência da enunciação. São, na verdade, interdependentes;

c) as operações enunciativas mostram que o movimento de atribuição de referência é inseparável da intersubjetividade, pois referir implica co-referir, e enunciar implica co-enunciar;

d) as operações enunciativas mostram um movimento de reflexão sobre a língua, o qual pode ser visto através da co-enunciação.

Na relação trinitária *eu-tu/ele*, vemos a instanciação da referência constituída no discurso. Os movimentos de referência e co-referência continuam acontecendo, mas esses ocorrem em relação a uma referência produzida no discurso e não ancorada à situação. É o inverso do que acontece na relação diádica (eu-tu)/ele, onde a diferença repousa entre a categoria de pessoa (“eu” e “tu”) e a categoria de não-pessoa (“ele”). A questão da referência mostrada aponta para a relevância da situação enunciativa nos estudos de aquisição e colocam em cena a relação referente-referência, aspectos discutidos por Stumpf (2010) no ato de nomeação pela criança, pois, para a autora,

A nomeação, ato de associação entre um signo – elemento do sistema – e uma coisa – elemento do mundo - é o que une essas duas ordens irreduzíveis (língua e realidade). A nomeação, enquanto ato, só pode ser realizada através de um ato de enunciação. (STUMPF, 2010, p. 83)

Além das formas e mecanismos que a criança utiliza para se marcar no discurso e constituir o outro da locução, o aparelho de funções descrito por Benveniste (1974/2006) também possibilita a constituição da intersubjetividade enunciativa. Este aparelho implica a presença de um locutor e de um alocutário em *relação mútua* e é utilizado para “influenciar de algum modo o comportamento do alocutário”²¹, convocando-o, assim, a preencher seu espaço de enunciação. Dessa forma, este movimento realiza-se através das funções de interrogação, intimação e asserção. Na interrogação, o locutor provoca uma resposta de seu alocutário, por meio de formas lexicais e sintáticas específicas da interrogação, bem como a entoação. Na intimação, o locutor faz apelos ou ordens, os quais são expressos em formas do

²¹ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Língua Geral II**, p.86.

imperativo, no vocativo e também na entonação. Na asserção, o locutor comunica uma certeza, através de formas sintáticas específicas e da entonação.

De acordo com o tratado até aqui, essas relações (as diádicas e a trinitária) evidenciam uma questão que é constitutiva do ato enunciativo e, por isso, também constitutiva e fundamental ao processo de aquisição: a (inter)subjetividade. Essa questão já foi explicada ao se tratar do ato enunciativo, mas nos cabe fazer aqui outra inclusão a respeito dessa questão. Isso posto, consideramos importante a reflexão de Silva (*op.cit.*), a respeito das instâncias da intersubjetividade, as quais são feitas a partir dos estudos de Benveniste e da noção de sujeito da enunciação proposta por Flores (SILVA, 2007/2009 apud FLORES, 1999). Sendo assim, Silva (2007/2009) descreve a existência de três instâncias da intersubjetividade, as quais funcionam simultaneamente: uma relação homem/homem, uma relação locutor/alocutário e uma relação “eu-tu”.

Na primeira instância, trata-se das relações humanas imersas na cultura, e aí se considera a presença de um sujeito cultural. O homem não nasce na natureza, mas na cultura, e é a ação sobre a língua “a chave da relação humana entre a língua e a cultura, uma relação de integração necessária”.²² Assim, a língua é vista como mediação entre o homem e a cultura, o homem e a sociedade; são essas relações intersubjetivas que permitem a comunicação. Na segunda instância, trata-se de uma relação entre locutor e alocutário, a qual instância um sujeito da alocação ou dialógica. Sabe-se que, a partir do momento que o locutor apropria-se da língua, ele implanta imediatamente um alocutário diante de si, e é esse alocutário que fará com que o locutor proponha-se como sujeito através do discurso, além de assegurar sua existência. Em outras palavras, essa relação constitui uma estrutura dialógica e é a própria definição do ato enunciativo, pois “[...] a enunciação coloca duas ‘figuras’ igualmente necessárias, uma, origem, a outra, fim da enunciação.”²³ Por fim, a última instância fala da emergência dos índices de pessoa “eu” e “tu”, os quais só se realizam na enunciação e pela enunciação. Nessa relação, o locutor apresenta-se como sujeito, remetendo a si mesmo como “eu” no discurso e propondo o outro, o qual chamará de “tu”. Essas pessoas são únicas no discurso, pois a cada vez que o ato enunciativo é realizado, eles apontam para algo novo. Além disso, também são reversíveis, “*eu* propõe outra pessoa, aquela que, sendo embora exterior a ‘mim’, torna-se o meu eco – ao qual digo *tu* e o que me diz *tu*.”²⁴ Assim, é

²² BENVENISTE, Émile. **Problemas de Língua Geral II**, p.24.

²³ *Ibidem*, p.87.

²⁴ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**, p.286.

através dessa relação intersubjetiva, a qual é constituída mutuamente, que “eu” e “tu” serão constituídos, colocando em jogo o sujeito lingüístico-enunciativo.

Feitas considerações, como esta inter (subjetividade) é vista no processo de aquisição? Ora, desde o primeiro momento que a criança emite sons, mesmo não sendo inteligíveis ou fazendo parte do repertório de formas da língua, eles já são tomados como significativos por um “outro”. Aí, já vemos a inter(subjetividade) em atuação e como ela é de fato constitutiva da linguagem. Ela é primordial para que essa criança inscreva na linguagem; mas, para que isso se realize, é necessário que esse “outro” torne-a sujeito dessa aquisição. Na relação de conjunção *eu-tu*, percebemos que o “tu” significa o dizer do “eu”, mas não lhe concede o espaço para se constituir como sujeito. Por isso, “eu” e “tu” encontram-se em conjunção, pois é como se fossem uma coisa só. Na relação de disjunção *eu/tu*, podemos perceber a ausência desse “tu” e é dessa ausência que a criança depende, pois precisa desse espaço para se constituir como sujeito e se marcar subjetivamente no discurso. Por isso, temos *eu/tu*, visto que “eu” é pessoa-subjetiva e “tu”, pessoa não-subjetiva. Nas relações (eu-tu)/ele e eu-tu/ele, onde há a instanciação da referência, podemos perceber o quanto a intersubjetividade é necessária para essa operação. Em um aspecto mais geral, a referência faz parte de todo ato de aquisição de linguagem; o que é da ordem do singular é o modo como a criança apresentará essa operação em sua aquisição, pois a referência está ligada à singularidade de suas enunciações. Podemos dizer que a atribuição de referência é inseparável da intersubjetividade, uma vez que a primeira coloca em jogo a relação entre locutor e alocutário, bem como a relação com o objeto de alocução e as instâncias de tempo (o “agora”) e de lugar (o “aqui”).

A seguir, passamos a discutir questões metodológicas para buscar responder, por meio da análise das enunciações de uma criança com seu interlocutor, o papel da situação enunciativa na constituição de referências no discurso de “eu” (criança) com o “tu” (outro).

2. CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS

Estando este trabalho inserido numa perspectiva enunciativa de aquisição de linguagem, considera-se primordial, portanto, tratar da fala da criança em sua singularidade. Para verificar essa singularidade, é necessário ver as atividades discursivas dessa criança ligadas às relações intersubjetivas, nas quais seu dizer será tomado como significativo por um outro. É este outro que vai lhe conceder o espaço para que a criança torne-se sujeito da aquisição de linguagem e, estando assim constituída, a criança poderá se instanciar como “eu” e convocar um “tu”. Estando “eu” e “tu” mutuamente constituídos no processo de aquisição, eles poderão referir e co-referir via discurso um mundo já construído. Os dados que utilizaremos valem-se do princípio de intersubjetividade constitutivo da linguagem e fazem parte da coleta realizada por Silva (2007/2009). Tais dados foram constituídos longitudinalmente, a partir da fala de uma criança brasileira, de classe média-baixa, Francisca, residente na região metropolitana de Porto Alegre. No total, as sessões foram produzidas no período dos onze meses aos três anos e quatro meses. Para melhor recuperar a situação de enunciação, a criança foi filmada, já que, tendo sido adotada uma perspectiva teórica enunciativa, torna-se importante considerar os elementos do contexto enunciativo e, assim, tais elementos aparecem na transcrição, porque as sessões foram filmadas.

Considerando o princípio de intersubjetividade já mencionado, Silva (2007/2009) considera o diálogo como a instância de discurso que evidencia as relações tratadas acima. Por isso, a autora também optou por uma coleta de ordem informal, a qual pudesse destacar a relação locutor-alocutário e a inserção da criança na linguagem via discurso. A coleta de dados foi realizada em diversas situações e apresentam diferentes configurações dialógicas, a saber: 1) relação criança/pai, mãe e irmãos com a presença da investigadora (tia) filmando; 2) relação criança/pai ou mãe com um dos pais filmando; 3) relação criança/outras pessoas de seu convívio (avó, tio, babá) com a presença da investigadora (tia) filmando; 4) relação criança/investigadora (tia) com outra pessoa filmando; 5) relação criança/investigadora (tia), onde a investigadora filma e interage; 6) relação criança/criança com a presença da investigadora (tia) filmando e 7) relação da criança com outro ao telefone (real ou virtual) com a presença da investigadora (tia) filmando.

O objetivo do estudo é o de *verificar como a situação, um dos elementos determinantes da enunciação, aparece no diálogo enunciativo da criança com seu interlocutor, encaminhando-os a se apropriarem das formas e funções para se assumirem*

como locutores no jogo de reversibilidade enunciativa e constituírem a referência no fio do discurso. Assim, considera-se que a situação é um dos elementos que possibilita ao outro da interlocução atribuir sentido, via discurso, às ações verbais e não-verbais da criança. Da leitura do discurso transcrito por Silva (2007/2009) das enunciações da criança com distintos interlocutores e em diferentes situações, chamou-nos a atenção as diferentes situações de enunciação de FRA com a AVÓ. Assim, a escolha dessa configuração dialógica está ligada ao fato de que a avó é uma interlocutora recorrente no corpus observado, aparecendo em distintas situações de interlocução. Para a análise, não foi escolhida nenhuma categoria de classificação a priori, pois, estando o estudo instaurado em uma perspectiva enunciativa, “todo e qualquer fenômeno lingüístico de qualquer nível tem a potencialidade de estudo em uma perspectiva enunciativa, já que é a enunciação que lhes dá existência.”²⁵ Essa visão também se alia a noção de *transversalidade enunciativa* proposta por Flores (2009, p.185), que se refere à inter-relação de forma e sentido entre os níveis de análise. A respeito disso, Flores (op.cit) ainda declara que “a enunciação é transversal à língua, ela não se encerra em único compartimento”. Por isso, os próprios fatos enunciativos transcritos encaminham-nos a encontrar aspectos que consideramos relevantes e ilustrativos da relação língua-mundo estabelecida via discurso por *eu* (criança) e *tu* (avó).

A partir das situações selecionadas, verificaremos como elas possibilitam o uso de certas formas e funções na relação avó/criança. Por isso, faz-se ainda uma discussão a respeito de como a situação determina a atribuição de referência (locutor) e co-referência (alocutário) no diálogo da criança com o outro. Assim, consideramos a operação de referência responsável pela constituição de sentidos e a produção de formas no ato de aquisição, os quais estão intimamente ligados à estrutura enunciativa *eu-tu-aqui-agora*. Ao falar de sentido, ele nos remete imediatamente ao conceito de frase, a própria unidade do discurso. A frase, responsável pela atribuição de referência, apresenta um duplo caráter, pois traz consigo a noção de sentido, a idéia expressa por aquele que se apropria da língua, e a noção de referência, porque a frase refere-se a uma dada situação. Como posto por Benveniste (1974/2006), a referência de uma frase é “o estado de coisas que a provoca, a situação de discurso ou de fato a que ela se reporta e que nós não podemos jamais prever ou fixar.”²⁶ Cabe a nós, em nossas análises, justamente verificar como e qual é esse estado de coisas que provoca a referência, uma vez que seu uso é particular. Com isso, será possível averiguar

²⁵ SILVA, Carmem Luci da Costa. **A Criança na Linguagem: enunciação e aquisição**, p.283.

²⁶ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral II**, p.231

como os aparelhos de formas e de funções (interrogação, intimação e asserção) são usados perante alguma situação enunciativa no discurso da criança e do outro.

Além disso, analisaremos, também, como a situação está implicada na atualização forma-sentido, uma vez que a frase da criança é constituída por *formas enunciativas*²⁷. Essas formas, consideradas palavras, são constituídas de forma e sentido, porque estão integradas à realidade da frase e expressam um sentido único e particular. Veremos que, a partir da situação, a criança, quando se assume como locutor, produzirá *formas enunciativas* que, no jogo de reversibilidade enunciativa, o outro apropria-se do aparelho formal para atualizá-las como formas da língua que ganham sentidos particulares nas enunciações de “eu” (criança) e “tu” (outro da alocação).

Por fim, ainda nos deteremos à constituição de sentido ligada à situação por meio de ações não-verbais, uma vez que a criança encontra-se em uma estrutura enunciativa. Nesse momento, investigar-se-á como o outro da alocação ressignifica o sentido produzido pela criança, mesmo quando não há uma ação verbal. Isso se explica, pois, ainda que a língua esteja ausente, é “pelo exercício incessante da sua atividade de linguagem em todas as situações”²⁸ que a criança inscreve-se na linguagem.

²⁷ Silva (2007/2009) dá o nome de *formas enuciativas* às formas produzidas pela criança que não pertencem ao repertório da língua, mas têm sentido a partir de seus empregos na frase.

²⁸ BENVENISTE, Émile. **Problemas de Linguística Geral I**, p. 140.

3. ANÁLISE E DISCUSSÃO

Do início de nosso trabalho até aqui, preocupamo-nos em embasar teoricamente nosso trabalho, para, a partir disso, mostrar o funcionamento de uma abordagem enunciativa em Aquisição de Linguagem. Com isso, queremos demonstrar como a situação, um dos elementos do ato enunciativo, apresenta um papel fundamental no tocante à apropriação de formas e funções pela criança e seu interlocutor, fazendo que se assumam como locutores.

Esse assumir-se como locutor também é viabilizado pela reversibilidade enunciativa, por meio da qual ocorre a instanciação de referência e co-referência no discurso. Após, explicamos, no segundo capítulo, como guiaremos nossas análises, informando de que forma a coleta de dados foi feita (longitudinalmente), escolha que explica nosso embasamento teórico, uma vez que se pretende analisar fenômenos na fala de um sujeito, considerando o que há de singular nela. Além disso, explicitamos o objetivo de nosso estudo e a escolha da configuração dialógica (criança/avó) que fizemos.

Neste terceiro capítulo, trataremos da análise e da discussão dos dados, segundo o que foi posto nos critérios metodológicos. A fim de facilitar a visualização dos dados e das análises, separamos as sessões (que corresponde à sessão filmada) por quadros. Esses apresentam episódios que pertencem a uma mesma sessão e podem estar separados por (...), para focar um determinado fenômeno. Os quadros encontram-se divididos em subitens, juntamente com suas análises. Ao final deles, há um subitem dedicado à discussão dos resultados obtidos.

3.1. Análise do quadro 1

QUADRO 1

SESSÃO 6	
<i>Participantes:</i>	CLA (babá); AVÓ e CAR (tia, filmando)
<i>Data da entrevista:</i>	20-03-2002
<i>Idade da criança:</i>	1;5.15
<i>Situação:</i>	FRA está na casa da AVÓ. Inicialmente está na garagem da casa com um álbum, com bonecas e com o gato. Após lancha. Depois, vai para dentro de casa e volta para a garagem.
1 Com:	FRA sai correndo atrás do gato.
2 CAR:	[= risos]
3 Com:	FRA aproxima-se do gato, enxotando-o com o álbum. O gato afasta-se.
4 FRA:	BAH [= olha para CAR surpresa com o afastamento do gato]
5 Com:	FRA vai até onde o gato está, abaixa-se, empurrando-o novamente com o álbum.

6 FRA:	XXX [= olhando para trás onde CAR está] XXX [= olhando para o gato e
7	falando sons não inteligíveis]
8 AVÓ:	o gato, parece que ela quis dizer gatu
9 FRA:	XXX [= olhando para o gato]
10 Com:	FRA sai da garagem e volta correndo, olhando para ver como ultrapassar
11	as grades no chão.
12 CAR:	[= risos]
13 CLA:	XXX
14 AVÓ:	alçou a perninha lá e quis vim pru lado de cá agora @ agora atinô o que era (...)
15 Com:	a AVÓ faz gesto de que vai retirar o álbum de FRA.
16 FRA:	não mamãe [= afastando o álbum com o braço]
17 CAR:	[= risos]
18 Com:	a AVÓ faz gesto de que vai retirar o álbum de FRA.
19 FRA:	NÃO [= afastando novamente o álbum com o braço]
20 CAR:	[= risos]
21 Com:	a AVÓ faz gesto de que vai retirar o álbum de FRA.
22 FRA:	NÃO
23 CAR:	[= risos]
24 AVÓ:	ela tá brava comigu XXX
25 Com:	a AVÓ continua a fazer o gesto de que vai retirar o álbum de FRA.
26 FRA:	NÃO [= afastando o álbum com o braço]
27 CAR:	[= risos]
28	a AVÓ faz gesto de que vai retirar o álbum de FRA.
29 FRA:	NÃO
30 CAR:	[= risos] @ vovó qué pegá? Vovó qué pegá o teu livrinhu?
31 AVÓ:	XXX
32 FRA:	DÁ
33 Com:	silêncio.
34 FRA:	dá
35 Com:	FRA derruba o álbum.
36 CLA:	caiu, ondi é qui ele caiu [?] ?
37 CAR:	cadê o álbum?
38 Com:	CLA alcança o álbum de volta a FRA, que olha para a rua.
39 FRA:	au au @ o au
40 CAR:	o au au?
41 Com:	XXX [= a AVÓ chama o gato]
42 FRA:	XXX cá [= olhando para o gato, depois para CAR e rindo]
43 AVÓ:	viu que ela disse vem cá (...)
44 Com:	silêncio. FRA e AVÓ estão na cozinha. A AVÓ abre um armário e pega uma lata
45	com bolacha. FRA abre e fecha o armário duas vezes.
46 AVÓ:	deu, deu ah fechô! Comi [= entregando uma bolacha a FRA], vamu guardá issu
47	vamu guarda de novu [= com a lata na mão e FRA abrindo a porta do armário]
48	@ guardei! [= colocando o pacote de bolacha na lata e fechando-a]
49 Com:	FRA abre a porta do armário, batendo-a em suas pernas.
50 AVÓ:	opa! Tá fecha
51 Com:	FRA fecha o armário.
52 AVÓ:	fechô!
53 FRA:	ôô (...)
54 Com:	Após um período de silêncio, FRA está com uma colher na mão no colo de CLA, que
55	lança com a AVÓ.
56 AVÓ:	dá a colher para vó dá.
57 Com:	FRA alcança a colher para a AVÓ.
58 CAR:	[= risos]
59 Com:	a AVÓ volta a alcançar a colher a FRA.
60 AVÓ:	dá a colher pra vó dá

61 FRA:	ah não [= afastando a colher da vó com a mão]
62 AVÓ:	viu o bico que ela fez pra mim?
	(...)
63 Com:	FRA olha o gato na cadeira.
64 FRA:	XXX [= olhando para o gato], BAH
65 AVÓ:	sai gatu!
66 Com:	FRA mexe na cara do gato.
67 AVÓ:	ela qué vê os olhu do gato, a cara do gato e não consegui @ o gatu não levanta a
68	cabeça pra ela vê

O quadro 1, que contém a sessão 6, apresenta, em sua maioria, situações de brincadeira. No primeiro episódio que verificamos, encontramos a criança (FRA) brincando com o gato da família. Ao espantar o animal com o álbum e surpreender-se com seu afastamento, FRA faz uso da forma “bah” (linha 4). Ao olhar o animal mais uma vez, FRA repete o uso da forma “bah” (linha 64). Percebemos, então, que é a partir da situação (o fato de espantar o gato com um objeto) que FRA sintagmatiza essa forma em seu discurso. Ainda nesse episódio, logo após ter espantado o gato, a avó (o outro da alocação de FRA) vê FRA relacionando-se com o gato e, mesmo que a criança tenha falado apenas sons inteligíveis, o outro busca significar seu dizer ao enunciar “o gatu (linha 8), parece que ela quis dizer gatu”. Nota-se que aí não há nenhuma forma da língua ou forma enunciativa, mas é a própria situação que permite ao interlocutor atualizar a frase no discurso. Após brincar com o gato, FRA sai da garagem e tenta ultrapassar algumas grades. Nesse momento, também não existe qualquer som, forma enunciativa ou forma da língua em jogo, somente uma ação não-verbal. É a partir dela que o outro sintagmatiza a seqüência “alçou a perninha lá e quis vim pru lado de cá agora, agora atinô o que era” (linha 14).

No episódio seguinte, que também é uma situação de brincadeira, FRA está brincando com a AVÓ, que ameaça retirar um álbum que está com FRA (linhas 15 e 21). Nesse momento, a AVÓ faz apenas uso de ações não-verbais (gesto para retirar o álbum) nessa brincadeira e é a partir delas que FRA sintagmatiza a forma “não” (linhas 19 e 22). Devido ao uso dessa forma, que acaba convocando o outro, a AVÓ enuncia-se e significa o dizer da criança ao declarar “ela tá brava comigu” (linha 24). Depois disso, FRA olha para a rua e enuncia “au au” (linha 39). Com isso, a AVÓ interpreta o dizer da criança como sendo um referente do mundo, nesse caso, o gato da família e, por isso, chama o animal para si. A criança, por sua vez, enuncia a forma enunciativa “cá” (linha 42). Novamente, a AVÓ retoma e interpreta essa forma enunciativa através da seqüência “viu que ela disse vem cá”. (linha 43)

Em outro episódio, quando FRA e AVÓ estão na cozinha e FRA alimenta-se, a AVÓ faz o uso da função de intimação, ao pedir que FRA fechasse a porta (“Tá fecha”; linha 50).

Essa função, como já visto, é caracterizada por apelos ou por ordens, que são expressos pela categoria de imperativo ou pelo vocativo. A intimação realiza a convocação do “eu” (criança) através do “tu” (AVÓ), dando um espaço de enunciação para o primeiro, a fim de que seja preenchido pelo “eu”. A criança preenche esse espaço com uma ação não-verbal (FRA fecha o armário; linha 51), o que faz a AVÓ sintagmatizar a forma “fechô!”. Essa mesma forma é retomada por FRA através da forma enunciativa “ôô” (linha 53), uma repetição do dizer do “tu”. A função de intimação também é vista no episódio seguinte, quando FRA e a AVÓ brincam com uma colher. A AVÓ convoca novamente a criança através da seqüência “dá a colher para vó dá” (linha 56), que contém a forma do imperativo “dá”. Nas primeiras vezes, FRA preenche seu lugar enunciativo com ações não-verbais (FRA alcança a colher para a AVÓ; linha 57) e, em seguida, com uma expressão de discordância “ah não” (linha 61). A partir dessa expressão, a AVÓ, mais uma vez, interpreta o dizer da criança, enunciando “viu o bico que ela fez pra mim?”.

Na última situação que analisamos nessa sessão, vemos FRA brincando com o gato novamente. Ela olha o gato, que está em uma cadeira, e enuncia a forma “bah” (linha 64). Com isso, a AVÓ interpreta essa forma como referência ao gato (a AVÓ diz “sai gatu!”; linha 65). Logo após isso, FRA mexe na cadeira onde o animal está e, a partir dessa ação não-verbal, a AVÓ sintagmatiza, traz uma interpretação em seu discurso: “ela qué vê os olhu do gato, a cara do gato e não consegui @ o gatu não levanta a cabeça pra ela vê”. (linhas 67 e 68)

Assim, observamos, no primeiro episódio, que a situação fez com que o locutor, FRA, encaminhasse o uso de certas formas. Ainda nesse episódio, verifica-se também a ação não-verbal por parte do locutor sendo atualizada em frase no discurso por parte do alocutário. Esse fenômeno também ocorre no último episódio da sessão. No segundo episódio, observa-se o contrário: a partir da ação não-verbal por parte do alocutário, o locutor sintagmatiza uma forma no discurso. Além disso, chama-se a atenção para a retomada e interpretação do dizer da criança pelo outro de sua alocução, que o faz atualizando esse dizer em frases no discurso. No terceiro e quarto episódios, verifica-se como a situação também foi responsável pelo uso da função de intimação, uma vez que são realizados perante referentes do mundo (a porta, no episódio 3 e a colher, no episódio 4). Essa função, nos episódios mencionados, está na dependência do “tu” (AVÓ) que convoca o “eu” (FRA), para que este preencha seu lugar de enunciação, considerando a situação de enunciação e as ações não-verbais da criança nessa situação.

3.2. Análise do quadro 2

QUADRO 2

SESSÃO 7	
<i>Participantes:</i>	CLA (babá); AVÓ; CAR (tia, filmando)
<i>Data da entrevista:</i>	17-04-2002
<i>Idade da criança:</i>	1;6.12
<i>Situação:</i>	FRA está na casa da AVÓ. Inicialmente está brincando com livros, tirando-os da estante. Após toma chá, conversa com a AVÓ sobre fotos e deita-se. Depois, vai para a garagem.
1 Com:	FRA abaixa-se para pegar algo que está no piso da cozinha.
2 AVÓ:	XXX <ah tem umas coisa de cera que eu larguei no chão> [?] tá fechadu
3 Com:	FRA sai para a garagem com dois recipientes de cera na mão.
4 FRA:	gado @ ah [= gemendo]
5 AVÓ:	dá pra vovó aqui dá pra vovó tá pesadu
6 FRA:	não
7 AVÓ:	dá pra vovó [= batendo palmas] @ ah
8 FRA:	não
9 Com:	FRA alcança para Cla os recipientes de cera, que os entrega a AVÓ.
10 AVÓ:	ah vô pegá XXX tá deu
11 Com:	FRA vai até onde a AVÓ está sentada.
12 FRA:	NÃO <meu> [?] [= pegando um recipiente de cera da AVÓ]
13 AVÓ:	é meu? Meu
14 FRA:	MEU [= pegando o outro recipiente de cera da AVÓ]
15 AVÓ:	meu
16 FRA:	MEU
17 AVÓ:	viu que meu ela diz né
18 CLA:	XXX
19 Com:	FRA caminha com os dois recipientes de cera na mão.
20 FRA:	ãi ui ui @ gadu [= carrega os recipientes e geme]
21 AVÓ:	pesadu ui ui [= repetindo o dizer de FRA]
22 CAR:	[= risos]
23 CLA:	[= risos]
24 FRA:	pesadu
25 CAR:	[= risos]
26 AVÓ:	pesadu @ ai
27 FRA:	ai @ pesadu [= dirigindo-se para a frente da casa com os recipientes na mão]
28 AVÓ:	pesadu XXX coisa séria o que ela foi se agrada de pegá
29 CAR:	[= risos]
30 Com:	silêncio.
31 FRA:	sadu XXX gadu [= voltando para a garagem com os recipientes na mão]
32	XXX gadu GADU XXX GADU [= entrando na garagem]
33 AVÓ:	tá pesadu?
34 FRA:	XXX gadu

Neste quadro, analisamos parte da sessão 7, que é composta por uma situação de brinquedo. Aqui, FRA está na cozinha com a AVÓ e brinca com alguns recipientes de cera. Ao sair para a garagem carregando esses objetos, FRA usa a forma enunciativa “gado” (linha 4) para se referir a eles. Quando FRA refere, a AVÓ co-refere, falando “tá pesadu” (linha 5). Nessa situação, a AVÓ também faz uso da intimação (“dá pra vovó”; linha 5), ao pedir que FRA dê-lhe os objetos. Mais adiante, FRA continua a operação de referência, dizendo

novamente “gadu” (linha 20). A AVÓ retoma o dizer de FRA (“pesadu ui ui”, linha 21), interpretando-o (“coisa séria o que ela foi se agrada de pegá”; linha 28). Nesses movimentos de referência e co-referência, FRA realiza modificações nas formas enunciativas que fazem referência aos objetos (“gadu”, “sadu”, “pesadu”). De acordo com o que já mostrado, esse dado evidencia que é impossível fazer uma cissão entre língua e discurso, uma vez que essas formas enunciativas trazem consigo ambos os níveis. Ao engendrar tais formas enunciativas, FRA traz o funcionamento de forma e sentido simultaneamente. Mesmo não sendo formas da língua, as formas enunciativas apresentam sentido na enunciação de FRA, pois seu emprego está relacionado à situação que os contém, isto é, ao fato de FRA estar carregando os recipientes. É justamente por estarem vinculadas à situação que as formas enunciativas da criança permitem ao interlocutor estabelecer a co-referência.

Este dado também mostra que é impossível fazer uma cissão entre a situação do mundo e a referência no discurso. É como se a sintagmatização ocorresse entre a situação enunciativa (referente) e a situação de discurso (referência).

Além da atribuição de referência, percebe-se também a marcação da posição do “eu” (criança) sobre o referente (recipientes de cera) através da forma “meu” (linhas 14 e 16). FRA marca-se primeiramente através da sintagmatização da forma “não (linha 12)”, quando vê que os recipientes de cera estão em posse da AVÓ. Esta, por fim, interpreta e comenta o dizer de FRA: “viu que meu ela diz né” (linha 17).

Desta forma, verificamos nesse quadro, os seguintes fenômenos: 1) a sintagmatização de formas enunciativas a partir da situação; 2) o uso da função de intimação; 3) a interpretação do dizer de “eu” no discurso de “tu”; e 4) a marcação da posição de “eu” no discurso.

3.3. Análise do quadro 3

QUADRO 3

SESSÃO 9	
<i>Participantes:</i>	AVÓ, CLA (babá); CAR (tia, filmando); MÃE e PAI
<i>Data da entrevista:</i>	16-05-2002
<i>Idade da criança:</i>	1;07.11
<i>Situação:</i>	FRA está na casa da AVÓ. No início, está na garagem, com CAR, CLA e a AVÓ, enquanto o gato está deitado na cozinha. Após vai para a frente da casa, para onde vai o gato. Depois brinca no quarto com CAR e CLA, vai para a sala com a AVÓ e CAR, volta para a cozinha, onde está o gato novamente, e, por último, está na garagem com CAR, CLA e a AVÓ e os pais chegam para buscá-la.
1 Com:	FRA vai até o gato, empurrando-o com os pés. Depois, resolve tapeá-lo com as mãos.

2 AVÓ:	sai gatu, diz pra ele
3 FRA:	[= tapeia o gato]
4 AVÓ:	apanha gatu, diz pra ele
5 Com:	FRA, em silêncio, empurra o gato com os pés.
6 FRA:	vamu, não mimi [= empurrando o gato com os pés]
7 Com:	silêncio.
8 CAR:	[= risos]
9 AVÓ:	[= risos] não tem jeitu do gatu respeitá ela e saí
10 Com:	silêncio.
11 FRA:	XXX au au não [= o gato agarra suas pernas]
12 CAR:	[= risos]
13 FRA:	ai mãe [= reclamando para a AVÓ]
14 CAR:	qui foi? [= risos]
15 AVÓ:	XXX
16 FRA:	XXX nenê oi? [= conversando com o gato] ô mãe [= olhando para a AVÓ]
17 CAR:	[= risos]
18 FRA:	oi tá oi [= colocando as mãos no gato] XXX [= pegando a bolsa no chão e saindo]
19 AVÓ:	desistiu agora

No quadro 3, temos uma situação de brincadeira, onde FRA relaciona-se com o gato da família, acompanhada de seus familiares. FRA empurra e tapeia o gato e, a partir dessas ações não-verbais (linhas 1 e 3), a AVÓ sintagmatiza a seqüência “sai gatu, diz pra ele” (linha 2) e “apanha gatu, diz pra ele” (linha 4), que também funcionam como intimação, visto serem apelos ou ordens da AVÓ, que enuncia a partir da posição de FRA. A forma “diz” do imperativo é uma ordem do “tu” (AVÓ) para FRA, colocar-se como locutor, representar-se como “eu” e constituir o gato como seu “tu” por meio de intimações “sai” e “apanha”.

FRA faz referência ao gato através das seqüências “vamu, não mimi” e “au au não” (linhas 6 e 11.), que parecem ser intimações da parte de FRA, uma vez que considera o animal como o “tu” de sua alocação. Mais adiante, percebe-se que FRA dirige-se a AVÓ através da palavra “mãe” nas passagens “ai mãe” e “ô mãe”, pois faz uso do vocativo para isso. Em relação ao uso da palavra “mãe” para se referir à AVÓ, verifica-se, a partir desse uso, como essa palavra pode adquirir um sentido particular. Seria natural esse uso pela criança como referência à própria mãe, mas, na situação, refere-se à AVÓ, seu interlocutor.

Por fim, a AVÓ percebe que FRA está conversando com o gato (“nenê oi?” e “oi tá oi” – linhas 16 e 18), quando FRA considera o gato novamente como o “tu” de sua alocação. Logo após, FRA realiza uma ação não-verbal (pega uma bolsa e vai embora; linha 17). Devido a isso, a AVÓ significa essa ação-verbal, atualizando a seguinte frase em seu discurso: “desistiu agora” (linha 19).

Assim, observa-se, nessa sessão, os seguintes fenômenos: 1) atualização de frases no discurso de “tu” a partir de ações não-verbais de “eu”; 2) intimação do “tu” para o “eu”, onde o “tu” enuncia-se da posição do “eu”; 3) intimação do “eu” para o “tu”, onde “eu” considera o

referente do mundo (gato) como o “tu” de sua alocação; e 4) sentido particular do signo “mãe”.

3.4. Análise do quadro 4

QUADRO 4

SESSÃO 11	
<i>Participantes:</i>	CAR (tia, filmando - 1º e 3º momento); AVÓ; PAI (filmando – 2º momento); MÃE; RON (tio); EDU (irmão); BAI (tia); PED (primo) e VIT (prima)
<i>Data da entrevista:</i>	29-06-2002
<i>Idade da criança:</i>	1;08.24
<i>Situação:</i>	FRA está em sua casa, interagindo com os familiares (pais, tios e primos). É o dia do aniversário de seu PAI.
1 Com:	FRA senta no chão, rodeada de brinquedos.
2 FRA:	do Dudu [= pegando um urso]
3 AVÓ:	ah é do Dudu? Qui bunitinho!
4 FRA:	hum
5 AVÓ:	dá um beju neli
6 Com:	FRA beija o urso.
7 CAR:	[= risos]
8 AVÓ:	dá um uta neli assim @ <u>ai uta coração @ uta coração</u>
9 Com:	FRA abraça-se e sorri.
10 CAR:	[= risos]
11 AVÓ:	uta colação @@@ essi aqui é o carrinhu qui tu deu pra ela? [= falando com CAR e pegando o carrinhu] @ Olha aqui o carrinhu qui a tia deu qui lindu!
12	
13 FRA:	ãi
14 AVÓ:	olha tóca o carrinhu
15 Com:	FRA pega o carrinhu na mão

No quadro 4, há uma situação de brincadeira, onde FRA está brincando na companhia de seus familiares. FRA, dentre muitos brinquedos, pega um urso e refere-se a ele como “do Dudu?” (linha 2). A AVÓ retoma esse dizer, a fim de se certificar de seu entendimento (“ah é do Dudu? Qui bunitinho! – linha 3).

Após isso, vemos a função de intimação por parte da AVÓ, a qual está espessa nas frases “dá um beju neli” (linha 5), “dá um uta neli assim”(linha 8), que são formas referentes ao urso, e “olha tóca o carrinhu”(linha 14), que é referente a um carrinho de brinquedo. As intimações apresentam as formas verbais da categoria de imperativo “dá” e “tóca”. FRA preenche o lugar que lhe é concedido através de ações não-verbais (FRA beija o urso, FRA abraça-se e sorri e FRA pega o carrinhu na mão). Nessa sessão, percebemos, mais uma vez, que a atribuição de referência e a função de intimação decorrem da situação e, assim, encaminham-se a atualização de referência no discurso. Sendo assim, é importante sintetizar os seguintes fenômenos observados: 1) atualização de frases no discurso do “eu” a partir do

referente; 2) retomada do dizer do “eu” no discurso do “tu”, a fim de verificar entedimento ; e 3) função de intimação do “tu” para o “eu”.

3.5. Análise do quadro 5

QUADRO 5

SESSÃO 13b	
<i>Participantes:</i>	MAI (Maira, filmando); CAR (tia); CLA (Babá); AVÓ; MÃE; PAI e EDU
<i>Data da entrevista:</i>	22-08-2002
<i>Idade da criança:</i>	1;10.17
<i>Situação:</i>	FRA está na casa da AVÓ. Inicialmente, interage com CAR, CLA, AVÓ e MAI na sala, onde está rodeada de brinquedos. Depois vai para a rua, entra e dirige-se para a cozinha onde está o gato. Em seguida, volta para a sala para brincar com CAR. De vez em quando, vai até o quarto onde está a AVÓ e CLA. Por último, chegam seus pais e ela conversa com o PAI.
1 Com:	FRA sobe no degrau da lareira.
2 CAR:	ondi tu vai? @ Hum?
3 Com:	Silêncio. Depois FRA desce.
4 FRA:	[= risos]
5 CAR:	caiu?
6 FRA:	Aiu
7 CLA:	Ué
8 Com:	FRA volta a subir e a descer o degrau.
9 FRA:	uh ah
10 CAR:	[= risos]
11 FRA:	[= subindo o degrau da lareira]
12 Com:	ouve-se na sala um barulho.
13 FRA:	a vó
14 CAR:	hum?
15 FRA:	Vó
16 CLA:	XXX
17 FRA:	ah [= descendo o degrau da lareira] @ oi ai oi [= tentando subir novamente o
18	degrau da lareira]
19 CLA:	[= risos]
20 FRA:	[= subindo o degrau da lareira]
21 AVÓ:	ah, agora ela conseguiu

Neste quadro, analisamos o movimento de interpretação da AVÓ sobre o dizer de FRA. Torna-se interessante observar que é próprio desse interlocutor comentar, em grande parte das vezes, as ações não-verbais de FRA. Nesta situação, FRA sobe e desce o degrau da lareira algumas vezes (linhas 1, 3, 8, 17 e 20). Na última vez que sobe, a AVÓ sintagmatiza a seqüência “ah, agora ela conseguiu” (linha 21) para se referir a ação não-verbal de FRA, a partir da situação. Assim, como ponto principal nessa sessão, observa-se a sintagmatização de frases no discurso de “tu” a partir de ação não-verbal do “eu”.

3.6. Análise do quadro 6

QUADRO 6

SESSÃO 15	
Participantes:	AVÓ; CLA (babá) e CAR (tia, filmando)
Data da entrevista:	10-10-2002
Idade da criança:	2;00.05
Situação:	FRA está na casa da AVÓ. No início, está na garagem, com o gato deitada na porta sobre um tapete. Após senta no piso da garagem, rodeada de brinquedos. Por último, vai para o quarto da tia.
1 FRA:	aí pisado
2 AVÓ:	tá pesadu?
3 FRA:	tá pesadu
4 Com:	FRA caminha com a boneca no colo
5 FRA:	ti
6 CAR:	hum?
7 FRA:	<aqui titio> [?]
8 CAR:	oi?
9 FRA:	vem cá @ tá pisadu
10 CAR:	tá pesadu?
11 FRA:	tá
12 Com:	FRA se direciona ao quarto
13 CAR:	qué botá na caminha o nenê?
14 FRA:	qué
15 CAR:	então tá vamu botá aqui o nenê na caminha
16 Com:	a tia coloca a boneca sobre a cama.
17 CLA:	XXX
18 CAR:	XXX
19 CAR:	vamu botá aqui então o nenê @ na caminha
20 FRA:	XXX qué @ qué bibi [= está próxima a uma cadeira]

Neste quadro, temos uma situação de brincadeira, onde FRA brinca com uma boneca. Para atribuir referência à boneca, FRA sintagmatiza “aí pisado” (linha 1). A AVÓ, então, retoma o dizer de FRA com uma pergunta (tá pesadu? – linha 2). Aqui, temos a função de interrogação, que tem o objetivo de suscitar uma resposta e, assim como a intimação, está à disposição do locutor para que este convoque oalocutário. Como FRA é tomada como o “eu” de nossas análises, consideramos que o “tu”, a AVÓ, propicia um espaço de enunciação, o qual é preenchido com uma resposta (“tá pesadu” – linha 3). Tal resposta mostra-se como uma repetição do dizer do “tu” no discurso do “eu” e ocorre através da interrogação, devido ao espaço concedido para o “eu” pelo “tu”. Dessa forma, o episódio dessa sessão aponta para os seguintes fenômenos: 1) sintagmatização de frases no discurso do “eu” a partir da situação (linha 1); 2) função de interrogação do “tu” para o “eu” (linha 2); e 3) repetição do dizer de “tu” no discurso de “eu”.

3.7. Análise do quadro 7

QUADRO 7

SESSÃO 17	
<i>Participantes:</i>	CAR (tia, filmando); MÃE; PAI; EDU (irmão); BET (irmão) e AVÓ
<i>Data da entrevista:</i>	02-11-2002
<i>Idade da criança:</i>	2;00.28
<i>Situação:</i>	FRA brinca em sua casa, interagindo com os familiares.
1 Com:	Em silêncio, FRA volta a sentar com os talheres na mão.
2 CAR:	vem comê atu cani
3 Com:	FRA fica em silêncio e, depois, pega a máquina de fotografia da mesa e joga no chão.
4 CAR:	ó vai quebrá
5 FRA:	me cani @ me cani
6 AVÓ:	o que tu feiz pra comida? Arroiz?
7 FRA:	arroiz XXX cani
8 AVÓ:	ah cani! Legal! [= risos]
9 FRA:	vem patu vem patu vem vó vem patu
10 AVÓ:	a vó já vai só um poquinho (...)
11 Com:	a AVÓ senta ao lado de FRA.
12 CAR:	ah vocês vão papá agora?
13 FRA:	XXX dê patu?
14 AVÓ:	cadê o pratu?
15 FRA:	dê?
16 AVÓ:	não sei eu achu qui tá aqui [= pegando uma caixa com pratos de brinquedo dentro]
17	@@@ sabi o quê? Eu vô comê aqui mesmu [= pegando uma panela] dá? Dá pra vó
18	comê?
19 FRA:	dá
20 AVÓ:	então vô cumê, cumê aqui mesmu [= faz de conta que come e FRA a observa]
21	@@@ o papá da Queca tá bom
22 FRA:	botá ó [= coloca uma colher próxima à boca da AVÓ]
23 AVÓ:	XXX [= faz um barulho de quem está mastigando]
24 CAR:	[= risos]
25 FRA:	bota mais
26 AVÓ:	ó XXX [= faz de conta que come]
27 AVÓ:	queru mais um poquinho @ não tem mais?
28 FRA:	não
29 AVÓ:	ah cumi tudu! @@@ E agora?
30 FRA:	qué mais? [= colocando a panela de novo em frente à AVÓ]
31 AVÓ:	ah tu feiz mais?
32 FRA:	feiz
33 Com:	FRA faz de conta que corta a carne com talheres. O PAI de FRA aproxima-se.
34 AVÓ:	temu comendu comida
35 PAI:	ah tão comendo comida?
36 CAR:	tão comendu comida ali
37 AVÓ:	ai qui bom [= faz de conta que come]
38 FRA:	qué mais?
39 AVÓ:	gostosu! Chega! A vó tá cheia bah! Brigadu! Olha aí encheu a barriga da vó bah
40	bah [= mostrando a barriga]
41 FRA:	qué mais? @ Qué mais? [= faz de conta que coloca mais comida na panela]
42 AVÓ:	tem qui comê mais?
43 FRA:	tem
44 AVÓ:	tem? Ai meu Deus! Tô cheia já @ bom [= faz de conta que come]
45 FRA:	qué mais?
46 AVÓ:	qué

47 AVÓ:	ela já vai buscá na outra panela lá [= comenta com CAR]
48 CAR:	[= risos]
49 FRA:	<tem mais> [?]
50 CAR:	bah a vó vai ficá gorda hein? @ A vó vai ficá gorda @ e tu não comi? Só a vó?
51 AVÓ:	tu não vai comê? Comi um poquinho também
52 Com:	FRA coloca um talher na boca.
53 CAR:	ai qui bom esse papá!
54 FRA:	comi tu [= colocando o prato perto da AVÓ]
55 AVÓ:	vô comê também @ ah tá gostosu!
56 FRA:	[= faz de conta que come] mais? Áh?
57 AVÓ:	chega @ chega né
58 FRA:	qué mais? Qué?
59 AVÓ:	qué @ tem qui querê mais não adianta [= comenta com CAR]
60 CAR:	[= risos]
61 AVÓ:	ela vai lá e busca lá mais comida [= comentando com CAR o fato de FRA buscar outras panelas no canto da mesa]
62	
63 FRA:	ó @ mais @ mais óia?
64 AVÓ:	É
65 FRA:	Ó
66 AVÓ:	ai caiu a colher lá dentro!
67 Com:	a AVÓ pega a colher e faz de conta que come.
68 FRA:	qué moçá @ qué?
69 AVÓ:	ãh?
70 AVÓ:	qué moçá?
71 CAR:	qué almoçá mãe?
72 AVÓ:	qué almoçá? Queru
73 FRA:	qué afé?
74 AVÓ:	queru café? Queru almoçá também

No quadro 7, vemos FRA em sua casa, onde simula que está fazendo comida. No primeiro episódio, FRA enuncia as formas enunciativas “me cani” (linha 7). A partir disso, a AVÓ faz pergunta a FRA “o que tu feiz pra comida?” (linha 6), fazendo um movimento de co-referência em relação ao que FRA enunciou antes. A situação, nessa sessão, atualiza-se no discurso e no jogo de reversibilidade enunciativa. Assim, percebe-se que a atribuição de referência também parte do discurso, não de um referente do mundo, como se verificou nos quadros anteriores.

No episódio seguinte, FRA e AVÓ continuam com a brincadeira em que simulam que estão comendo. FRA enuncia “dê patu?” (linha 13), pergunta que é retomada no discurso do “tu” (linha 14), a fim de esclarecer seu entedimento. A AVÓ preenche seu espaço de enunciação, enunciando “não sei eu achu qui tá aqui” (linha 16). Adiante, vemos FRA instanciar-se no discurso, o que pode ser observado a partir das intimações “botá ó” (linha 23.), “bota mais...” (linha 25), “comi tu” (linha 54) e das interrogações “qué mais?” (linhas 30, 38, 41, 45 e 58), “qué moçá?” (linha 68) e “qué afé?” (linha 73). Sobre isso, chama a atenção a repetição das perguntas por parte do “eu” diante do não entedimento do “tu”.

Ainda nesse episódio, verifica-se, mais uma vez, a sintagmatização de frases no discurso do “tu” (linha 61) a partir de ação não-verbal do “eu”, que é ação de buscar panelas para continuar a brincadeira. Ao final desse episódio, FRA sintagmatiza formas enunciativas em seu discurso (linha 63) devido a ação não-verbal da AVÓ (linha 65), quando esta pega uma colher e simula que está comendo, e a AVÓ retoma novamente o dizer de FRA (linha 68) em seu discurso (linha 70), também para verificar seu entedimento.

Sendo assim, são fenômenos importantes nessa sessão: 1) retomada do dizer de “eu” no discurso do “tu”, para verificar entendimento; 2) instanciação do “eu” a por meio das funções de intimação e interrogação; 3) sintagmatização de frases no discurso do “tu”, a partir de ação não-verbal do “eu”; 4) sintagmatização de formas enunciativas no discurso do “eu” (a partir de ação não-verbal do “tu”); e 4) repetição do dizer do “eu” perante o não entedimento do “tu”. Como ponto mais relevante nessa sessão, consideramos *a situação e a atribuição de referência constituída no discurso, o que mostra a passagem de uma referência mostrada para uma referência constituída na língua-discurso*, conforme também aponta Silva (2007; 2009).

3.8. Análise do quadro 8

QUADRO 8

SESSÃO 23	
Participantes:	CAR (tia, filmando) e AVÓ
Data da entrevista:	28-03-2003
Idade da criança:	2;05.23
Situação:	FRA está em casa de sua AVÓ, conversando com CAR e com a AVÓ.
1 AVÓ:	possu bincá cuntigu?
2 FRA:	podí
3 AVÓ:	então vô aí brincá um pocu?
4 CAR:	hum @ vovó vai brincá com a Queca
5 AVÓ:	possu?
6 FRA:	podí
7 AVÓ:	então tá @ vamu lá brincá um pocu de boneca @ o que qui nós vamu fazê?
8 FRA:	ela?
9 AVÓ:	eu e tu
10 FRA:	o que vamu fazê?
11 AVÓ:	hum, o que qui nós vamu fazê?
12 FRA:	a genti vamu bincá
13 AVÓ:	hum
14 FRA:	nenê tá muito suja
15 AVÓ:	hein?
16 CAR:	nenê tá muito suju?
17 FRA:	É
18 CAR:	ai e agora o que qui tu vai fazê?
19 FRA:	agora tem qui dá memédio pa eie
20 CAR:	vai dá remédio pra ele?

21 FRA:	vô a bunda deie
22 AVÓ:	tá gripadu?
23 CAR:	na bunda deli [= risos]
24 FRA:	nenê tá chorandu, eie tá dodói [= caminhando]
25 CAR:	ai tadinhu, tá chorandu, tá dodói
26 Com:	FRA volta correndo.
27 FRA:	o nenê tá chorandu
28 CAR:	ãh! Ligeru acódi o nenê
29 FRA:	codô [= pegando a boneca no colo]
30 AVÓ:	o nenê tá gripadu @ hein Francisca?
31 FRA:	ãh?
32 AVÓ:	o nenê tá safadu hein
33 FRA:	eu tenho dá remedi
34 AVÓ:	heim?
35 FRA:	é agóia bunda deie
36 AVÓ:	lavô a bunda deli, tá cherosa?
37 FRA:	tá cheósa bunda deie

No episódio do quadro 8, vemos FRA e AVÓ em uma situação de brincadeira, onde brincam com uma boneca. Assim como ocorre no quadro anterior, a situação desenvolve-se a partir da referência constituída no discurso, o que pode ser atestado a começar pela interrogação que a AVÓ dirige à FRA (linha 1), respondida pela criança ao se constituir como locutor “podí” (linha 2). Com isso, a situação de brincadeira continua acontecendo com a presença de referência sintagmatizada no discurso, quando, por exemplo, FRA refere-se à boneca, enunciando “nenê tá muito suja” (linha 14) ou “nenê tá chorando” (linha 24). Como pode se observar na sessão, essas atribuições de referência não surgiram a partir da situação, na presença de um referente mostrado, mas são resultantes dos movimentos de referência e co-referência que FRA e AVÓ fazem no fio do discurso. Por isso, é uma referência constituída no discurso.

Na sequências “possu bincá contigo?” (linha 1), “o que qui nós vamu fazê?” (linha 11), “tá gripadu?” (linha 22), vemos a função de interrogação por parte do “tu” dirigido ao “eu”. Em todas essas convocações, FRA preenche o espaço de enunciação que lhe é concedido (linhas 2, 12 e 23). Sobre isso, vale ressaltar o movimento de referência que FRA faz em relação às perguntas que lhe foram feitas. Percebe-se que não são respostas aleatórias, mas, pelo contrário, co-referem as perguntas, o que pode ser visto nas linhas. Nota-se, ainda a respeito disso, uma resposta do “eu” (“vô a bunda deie” – linha 21).

Percebe-se, também, que FRA constitui-se junto ao “tu” ao enunciar “o que vamu fazer?” (linha 10) e “a genti vamu bincá” (linha 12), que pode ser visto através da forma verbal “vamu”. Outro ponto a se destacar, também relacionado à instaciação do “eu” no discurso, é a frase de “eu” com palavras ordenadas (linhas 12, 24 e 27), que se originou a partir do dizer do “tu”.

Assim, são fenômenos a serem apontados nessa sessão: 1) função de interrogação do “tu” para o “eu”; 2) repetição do “eu” frente ao não-entendimento do “tu”; 3) constituição do “eu” junto ao “tu”; e 5) instanciação do “eu” em frase com palavras ordenadas. Como movimento mais relevante, consideramos *a atribuição de referência na língua-discurso*.

3.9. Discussão

Em nossas análises, muitos fenômenos foram verificados, como se pôde observar nos itens anteriores. Porém, discutiremos aqui os pontos mais relevantes que os dados mostraram-nos: a passagem de uma referência mostrada para a constituição de uma referência constituída na própria língua-discurso e a questão da ação não-verbal da criança aparecer sintagmatizada no discurso do outro com forma verbal.

O primeiro aspecto a ressaltar diz respeito à referência, que Silva (2007/2009, p.246) considera como macro-operação fundamental do ato de aquisição da linguagem. Em nosso estudo, realçamos o papel da situação enunciativa nessa operação. De fato, do quadro 1 ao 6, vemos que a referência é constituída a partir da situação; é a partir dela que o discurso adquire sentido e formas são atualizadas. Nesse caso, a situação parece ser determinante do sentido no discurso e um dos elementos que propiciam ao outro dar um lugar de enunciação para a criança. Nos quadros 7 e 8, esse movimento inverte-se: o discurso constitui a situação. A situação deixa de ser extralingüística para se tornar intralingüística. Mesmo que a atribuição de referência ocorra em dois sentidos (situação>discurso e discurso>situação), percebe-se que é impossível fazer uma separação entre a situação do mundo e a referência no discurso. Como já defendemos na análise do quadro 2, a sintagmatização depende desta união para acontecer. Portanto, a situação exerce um papel fundamental na atribuição de referência, além de ser responsável pela apropriação de certas formas e funções por parte dos locutores (FRA e AVÓ). Corrobora, para este resultado, a lógica do mecanismo (*eu-tu*)/*ele* apresentada por Silva (op.cit). Lembremos:

a criança enuncia X, em que X é: a) remetido à situação de enunciação, responsável pela atribuição de referência, b) formado por unidades que estão em relação entre si; c) constituído por operações de constituição/integração dessas unidades e d) constituído por ajustes de *sentido* e de *forma* das referências produzidas na enunciação constituída por *eu* e por *tu*. (SILVA, 2007/2009, p. 245)

Assim, a lógica presente na relação (*eu-tu*)/*ele* atesta os resultados obtidos, pois mostra que: 1) as operações enunciativas não podem ser consideradas segundo uma cisão entre

língua e fala, uma vez que fazem parte desses domínios simultaneamente; 2) as operações enunciativas não podem ser separadas entre morfologia, sintaxe e semântica, uma vez que a sintagmatização ocorre nesses níveis simultaneamente; 3) as operações enunciativas enfocam a questão da atribuição de referência: é um movimento inseparável da intersubjetividade. Referir implica co-referir, e enunciar implica co-enunciar; e 4) as operações enunciativas mostram um movimento reflexivo sobre a língua, o qual é visto por meio da co-enunuciação.

O segundo aspecto que salientamos diz respeito à ação não-verbal da criança como ligada à ação verbal do outro da alocação. A sintagmatização das ações não-verbais às verbais merece um estudo aprofundado nas pesquisas que tratam a Aquisição de Linguagem em uma perspectiva enunciativa. Mesmo sendo uma ação não-verbal, este movimento pertence ao ato enunciativo, uma vez que supõe locutor e alocutário, fato que pôde ser atestado nas análises. A ação não-verbal parece encontrar sentido na linguagem e ação-verbal na língua. Isso pôde ser visto muito claramente nas diversas vezes em FRA realizava uma ação não-verbal e, a partir disso, a AVÓ atualizava-a no discurso, por meio de frases. De fato, a ação não-verbal está na estrutura enunciativa de aquisição da linguagem, pois a criança, mesmo ainda não produzindo formas da língua, já se inscreve na linguagem. A ação não-verbal mostra-nos isso. Além disso, vemos a ação não-verbal sintagmatizada à situação, transformada em verbal pelo alocutário, que, ao se assumir como locutor, realiza essa atualização no discurso. A ação verbal, assim, encontra-se mais vinculada ao outro da alocação da criança, lugar onde a língua constituída está armazenada. É ele que, posto como locutor por meio da reversibilidade enunciativa, converte a ação não-verbal da criança em ação verbal e assim o faz, pois considera que ação não-verbal é dotada de sentido na situação enunciativa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, fomos guiados não apenas pelo interesse em encontrar respostas, mas também pelo interesse em propor reflexões acerca de um estudo recente que muito ainda tem a nos indagar: a Aquisição de Linguagem em uma perspectiva enunciativa.

No percurso que realizamos, buscamos, através da Teoria da Enunciação proposta por Émile Benveniste e do estudo enunciativo em Aquisição da Linguagem realizado por Silva, responder à pergunta formulada no início de nosso trabalho: como a situação, elemento do ato enunciativo e do ato de aquisição, é reponsável pelo uso de determinadas formas e funções para a constituição de referência no discurso?

Através desse estudo, ainda preliminar, pode-se observar *a passagem de uma referência mostrada para a constituição de uma referência constituída na própria língua-discurso*. Na referência mostrada, além dos elementos da situação enunciativa, consideramos a ação não-verbal como elemento fundamental para a constituição de sentido no discurso de “eu” e de “tu” e para que o outro da alocação da criança (“tu”) sintagmatizasse ações verbais quando se assumia como locutor e implantava a criança como seu alocutário (“tu”). Essa inversibilidade garante um lugar de enunciação para a criança, lugar que é possível ser mantido quando ela é constituída como “pessoa do discurso”, mesmo que se enuncie com ações não verbalizadas.

No início de nossas análises (quadro 1 a 6), verificamos que a referência atualizada no discurso está “colada” à situação enunciativa e, assim, encontra-se em sua dependência. O discurso cria-se a partir da situação. Nos últimos quadros (7 e 8), notamos que houve uma mudança. Nesses quadros, a referência constitui-se no discurso e (re)constrói a situação. É a situação que se encontra na dependência do discurso.

Como resultado deste estudo, salientamos o papel da *ação não-verbal quando sintagmatizada no discurso com ação verbal pelo outro*. De acordo com nossas análises, a ação não-verbal faz parte do processo de enunciação e de aquisição. A ação não-verbal é realizada pela criança (FRA) e é atualizada como ação verbal por seu alocutário (AVÓ). Aqui, percebe-se que a ação não-verbal está para a linguagem, e a verbal está para a língua.

Com os resultados obtidos, acreditamos que estudos posteriores podem aprofundar o papel da ação não-verbal na estrutura enunciativa, contribuindo com as investigações nos campos de Enunciação e de Aquisição da Linguagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENVENISTE, Émile (1966) *Problemas de lingüística geral I*. Campinas, SP: Pontes, 2005.

_____. (1974) *Problemas de lingüística geral II*. Campinas, SP: Pontes, 2006.

FLORES, Valdir do Nascimento. ET AL. (Org) *Dicionário de lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2009.

FLORES, Valdir do Nascimento. ET AL. *Enunciação e gramática*. São Paulo: Contexto, 2008.

FLORES, Valdir do Nascimento. *Lingüística e psicanálise: princípios de uma semântica da enunciação*. Porto Alegre: EDIPUCRS, 1999.

_____. *A enunciação e os níveis de análise lingüística em dados de distúrbios de linguagem*. In: *Organon*, Porto Alegre, n. 46, 2009.

FLORES, Valdir & TEIXEIRA, Marlene. *Introdução à lingüística da enunciação*. São Paulo: Contexto, 2005.

SILVA, Carmem Luci da Costa. *A criança na linguagem: enunciação e aquisição*. Campinas: Pontes, 2009.

_____. *A instauração da criança na linguagem: princípios para uma teoria enunciativa em aquisição da linguagem*. Porto Alegre: UFRGS, 2007. Tese de Doutorado.

STUMPF, Elisa Marchioro. *Uma proposta enunciativa para o tratamento da metalinguagem na aquisição da linguagem*. Porto Alegre: UFRGS, 2010. Dissertação de Mestrado.